



ANNO IX
NUMERO 195

A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA



14^{bis}, Boulevard Poissonnière.

Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	3:000 pianos
Produção até hoje	113:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)

Membro do Jury—Hors concours

A. HARTRODT

SÉDE: HAMBURGO — Dovenfleth, 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

Hamburgo — Porto — Lisboa

Antuerpia — Porto — Lisboa

Londres — Porto — Lisboa

Liverpool — Porto — Lisboa

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — **Hamburgo**

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, machinismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa sonoridade — Afinação segura — Construcção solida

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

LAMBERTINI

Pianos das principaes fabricas: — **Bechstein, Pleyel, Gaveau, Hardt, Bord, Otto, etc.**

Musica dos principaes editores — Edições economicas — Aluguel de musica.

Instrumentos diversos, taes como Bandolins, Violinos, Flautas, Ocarinas, etc.

Praça dos Restauradores



A ARTE MUSICAL
 Revista publicada quinzenalmente
 Redacção e administração
 Praça dos Restauradores
 43 A 49

Proprietario e director
 LISBOA
 Editor

Michel'angelo Lambertini Typ. do Anuario Commercial—C. da Gloria, 5 José Nicolau Pombo

SUMMARIO: Jayme de la Té y Sagou—Um exemplo a seguir—Notas Vagas—Theatro de S. Carlos—Concertos—Noticiario—Necrologia.

Jayme de la Té y Sagou

Jayme de la Té y Sagou não é um desconhecido. O seu nome acha-se registado no *Diccionario Bibliographico* de Innocencio Francisco da Silva (vol. 3.º, pag. 256) e a pag. 268 do 2.º vol. do *Diccionario biographico de musicos portuguezes*. O primeiro, em resumido artigo, menciona-o apenas como typographo ou proprietario da *Officina da Musica*, que foi uma das principaes na primeira metade do seculo xviii. Julgava-o de procedencia estrangeira, mas ignorava a sua nacionalidade, assim como quaesquer outros pormenores biographicos, afirmando que o seu nome apparecia repetidas vezes nos rostos e dedicatorias de diversas obras d'aquella época. Cita, além d'isso; o juizo pouco favoravel que a seu respeito exarou Francisco Xavier de Oliveira no tomo 2.º, pag. 317 das suas *Memorias*: «era homem de genio, e patarata: por fóra cordas de viola, por dentro pão bolorento.»

O sr. Ernesto Vieira apresenta-nos la Té y Sagou como compositor de musica, indicando-nos alguns volumes de Cantatas, de que elle proprio escreveu a letra, impressos na sua officina.

Eu posso ampliar a biographia de la Té y Sagou, cuja variada aptidão—artista, artifice e homem de letras—não sei se corresponderia a um relevante merecimento.

Jayme era natural de Barcelona e viera para Lisboa ahi por 1708 na companhia do padre Cienfuegos, sob cuja protecção e arrimo vivera durante 7 annos. Tendo-se este retirado para a côrte de Vienna, ficou la Té y Sagou um tanto ao desamparo e querendo D. João v favorecer-o lhe concedeu privilegio em 12 de outubro de 1715 para que ninguem, além d'elle, por espaço de 10 annos, podesse ter outra impressão de musica, á similhaça do que se praticava em Madrid e outras capitaes da Europa. (Vidé doc. 1.)

Além d'este privilegio, o musico barcelonez recebeu ainda outras provas de estima e consideração de D. João v, o que bem mostra a influencia que tinha na côrte, graças ao valimento que lhe concedera a esposa d'aquelle monarcha, D. Marianna d'Austria.

Em 24 de maio de 1715 recebeu os alvarás para ser armado cavalleiro, usar do habito de ouro, e ser-lhe lançado este, os quaes estão registados no Liv. 26 da Ordem de Santiago a fl. 110 v. e seguintes. A carta de profissão tem a data de 31 de junho de 1716 e está registada no mesmo livro a fl. 185. Além da mercê recebeu um padrão de 127000 réis de tença, tambem registada no liv. 26, a fl. 76 v.

La Té era de baixa estirpe e por conseguinte pouco faltou para que deixasse de lograr o habito de Santiago. Sendo necessario proceder-se ás formalidades indispensaveis para receber as respectivas insignias, pelas provanças e inquirições que se effectuaram em Lisboa, visto a difficuldade de se realisarem na Catalunha, verificou-se que elle não tinha as habilitações sufficientes, isto é, os documentos proprios a comprovar a limpeza de sangue. De nobreza é que não havia nada nos seus antepassados, sendo até muito problematico que os seus avós fôsem christãos velhos. A magnanimidade real manteve-se porém, superior a todos os escrupulos, comprazendo galantemente com as instancias

da rainha. D'essas duvidas, d'essas perplexidades, d'esses obstaculos, exarados nas *provanças* é que resulta o conhecimento da arvore genealogica de Sagau. Seu pae e avô do mesmo nome, e sua avô Ursula Peinado eram naturaes do condado de Ruselho, principado da Catalunha, e seu avô materno Pedro Pons e sua avô Magdalena Arnés e sua mãe Madrona Pons eram naturaes da villa de Martusel, bispado de Barcelona. O pae, segundo uma testemunha, era musico que cantava por estipendio; o avô paterno fôra dançador e a mãe lavadeira. (Vidé doc. II)

Na Officina de Sagau não se faziam sómente impressões de musica, mas tambem se publicavam outros livros, alguns dos quaes revestiam um caracter artistico, verdadeiras edições de luxo, como por exemplo as *Ultimas acções do Duque D. Nuno Alvares Pereira de Mello*, dadas á luz em 1730 e enriquecidas de numerosas estampas.

A *Jornada que o senhor Antonio de Albuquerque Goelho, . . . fez de Gôa a Macau*, impressa n'esta ultima cidade, foi reeditada em Lisboa em 1732 por Jayme de la Té, na sua Officina de Musica. O impressor offerece a edição ao duque D. Jayme de Mello, terceiro duque de Cadaval, e na dedicatória, assás extensa, escripta em portuguez, patenteia-lhe o seu reconhecimento por haver mandado estampar na sua Officina, em edição monumental, as *Ultimas acções do duque D. Nuno Alvares Pereira de Mello*. Ahi se faz uma importante referencia a M. Guillard, *egualmente destro no pincel e no buril*. E' uma particularidade curiosissima para a biographia d'este artista. A dedicatória de Sagau merece ser lida e confrontada com a descripção que fez Innocencio da Silva da obra atrás mencionada.

Além das Cantatas o sr. Ernesto Vieira cita a composição musical de diversos vilancicos nos annos de 1721 e 23 e um Oratorio a S. Vicente.

Este ultimo merece, porém, ser mais especificado, pois n'elle se revela ser auctor dos versos o conego Julião Maciel, de quem não faz menção Innocencio da Silva, mas que vem apontado no *Catalogo de Domingos Garcia Peres*. Eis aqui o titulo, segundo o exemplar que examinei na Bibliotheca Nacional de Lisboa:

Oratorio que se cantó, con varios instrumentos, en 22 de Enero; Fiesta del glorioso, Invicto, Martir, S. Vicente, Patron de Ambas Lisboas: en la Metropolitana Cathedral de Oriente. Siendo mayordomos los señores arcediano de Santaren, etc. Compuso los metros el señor Canonigo Julian Maciel: y la musica D. Jayme de La Té e Sagau.

Lisboa Occidental. En la Imprenta de Musica. Año 1719. Con las licencias necesarias.

8.º pequeno, 21 paginas.

Conheço outra obra, em que Sagau collaborou com o seu talento musical, sendo a letra de outro poeta.

E' a seguinte:

La comedia El poder de la armonia, fiesta de zarzuela, que a los felices años del rey... don Juan V, se representó en su Real Palacio el dia 22 de Octubre de 1713. De Luis Calisto de Acosta y Faria. Compuso la musica don Jayme de La Té, y Sagau. (Armas portuguezas). Em Lisboa, En la Imprenta Real Deslandesiana. MDCCXIII.

4.º 41 pg.

Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro. Collecção de Barbosa Machado. Descripta sob n.º 219 nos Annaes da mesma bibliotheca, vol. 3.º, pg. 164.

La Té y Sagau deixou um filho Jayme Domingos de la Té y Sagau, que subscreve a dedicatória da edição das *Decadas*, de Diogo do Couto, de 1736, (Decadas IV, V) diz que o pae deixou a impressão adeantada — que tivera esta herança — a a mim obriga-me a gloria de patricio.

D'este trecho se pôde claramente deduzir que Jayme de la Té y Sagau era fallecido em 1736 e que seu filho Jayme Domingos nascera em Portugal, onde provavelmente seu pae se matrimoniára.

Explanei razoavelmente, creio eu, a biographia de Sagau, o que não obsta a que novos dados, suggeridos por estes, venham intercalar-se n'ella, esclarecendo-a e completando-a quanto possivel.

O exame minucioso de todos os livros impressos na *Typographia da Musica* e de outros contemporaneos fornecerá sem duvida importantes subsidios, tanto para a historia da fundação e desenvolvimento d'aquella *Officina*, como para a historia do seu fundador e do movimento artistico e industrial da época, sobretudo nas suas relações com a musica.

Seguem-se agora os documentos comprovativos.

Carta de privilegio para a impressão de musica.

D. João por graça de Deos Rey de Portugal, etc. Faço saber que Jayme de La Té y Sagau cavalleiro da ordem de Santiago me representou por sua petição que havia sete annos que se achava n'esta corte havendosse mantido n'ella com o arrimo do padre Cienfuegos o qual paçandosse a corte de Vienna ficara elle supplicante. Com tam lemitadas conveniências que não hera possível manterse com aquella decência que athe aqui se manteve. Pedindome lhe fizesse mercê conceder privilegio para poder fazer imprimir e vender muzica como se fazia na corte de Madrid e em todas as mais partes da Europa e que ninguem se não elle podesse ter a dita impreção e visto o que alegou: Hey por bem conceder ao supplicante o privilegio de que fas menção por tempo de des annos para que durante elles nenhum impresor Livreiro nem outra qualquer pessoa possa imprimir vender nem mandar vir de fora do Reyno muzica sem licença do supplicante subpena de perder todos os volumes que lhe forem achados para o mesmo supplicante e de pagar sincoenta cruzados ametade para o acuzador e a outra para a minha Camara Real e esta proviçao se cumprira como nella se conthem de que pagou de novos direitos quinhentos e quarenta reis que se carregarão ao thesoureiro delles a f. 201-v do L.º 3.º de sua receita e se registou o conhecimento em forma no L.º 3.º do registo geral a fl. 175. El-Rey Nosso Senhor o mandou por seu especial mandado pellos dezembargadores Antonio dos Santos de Oliveira e Antonio de Beja de Noronha ambos do seu conselho e seus Dezembargadores do Paço. Joseph da Maya e Faria a fes em Lisboa a doze de outubro de mil setecentos e quinze. Pagou desta duzentos reis Manuel de Castro Guimarães a fes escrever. Antonio dos Santos de Oliveira. Antonio de Beja de Noronha. Por rezolução de S. Magestade de 14 de Setembro de 1715 em consulta do Dezembargo do Paço e em observancia da Ley de 24 de Julho de 1713 — Joseph Galvão de Lacerda. Pagou quinhentos e quarenta reis. Lisboa 31 de Outubro de 1715 — Dom Miguel Maldonado — Consertado — Luis Siqueira de Saa.

(Chancellaria de D. João V, L.º 46, fl. 78).

Provanças para o habito de Santiago.

Senhor — Jayme de La Té y Sagau representa a V. Magestade em hua sua petição que V. Magestade lhe fez mercê do habito da ordem de S. Tiago pellos respeitos que lhe foram presentes, e serviços que tem feito a Raynha Nossa Senhora e porque he natural da cidade de Barcelona, e seu pay e Avô do mesmo nome e sua Avô Ursula Peinado erão naturais do Condado de Ruselhó Principado da Catalunha e seu Avô materno Pedro Pons e sua Avô Magdalena Arnés e sua May Madrona Pons erão naturais da villa de Marturel Bispaço de Barcelona, em cujos districtos sem comunicação com este reino não ha cavaleiro de alguma das ordens a quem se possam comer as diligencias e provanças da limpeza do sangue do sup.^{to} e n'esta corte como patria comua ha muitas pessoas naturais d'aquelles paizes que possam depor da sua nobreza e sangue e V. Magestade costuma dispençar em semelhantes impedimentos como se tem praticado com pessoas de varias nações e o sup.^{to} não desmerece esta graça. — P. a V. Mag.^{de} lhe faça mercê dispençar com elle para que nesta corte se lhe fação as snas inquirições por não haver naquelles payzes cavaleiro a quem se cometa esta diligencia — E por V. Mag.^{de} mandar que a dita petição se veja neste Tribunal e se consulte o que parecer sem embargo das rodens em contrario. — Parece que V. Mag.^{de} faça mercê ao sup.^{to} de dispençar com elle para que nesta cidade se lhe façam as suas diligencias, visto na sua Patria e de seus pays e Avós, não haver cavaleiro a quem se cometa e V. Mag.^{de} ter concedido esta graça a outros habilitandos. Lisboa 11 de Abril de 1714. Joam Ribeiro Ferreira — D. Henrique de Noronha — Farão votos os D. D. Dom Francisco de Souza e Domingos de Souza S. Tiago Ferraz.

Como parece — Lisboa 7 de Maio de 1714. — Uma rubrica.

Senhor — A D. Jayme de La Té y Sagau foi V. Mag.^{de} servido fazer mercê do habito da ordem de S. Tiago e para o poder receber se lhe mandarão fazer as provanças de sua habilitação das quaes constou que em sua pessoa concorrem as partes pessoas; porém que seus pays e Avós não tiverão nobreza algua por serem pessoas da segunda condição e que o pay era muzico que cantava por estipendio dizendo hua testemunha que o Avô paterno fora Dançador e outra que se dizia fora a May do justificante lavandeira; e porque tãobem não ha sufficiente noticia dos Avós, nem se achão legitimamente provadas suas origens, como tambem as dos Pays, e posto não haja testemunha algua que deponha de defeito de sangue do justificante antes alguas dizem que tem hum Irmão Clerigo, como porém pella falta de prova das ditas naturalidades e da que tem as testemunhas do conhecimento; e sufficiente noticia dos quatro Avós, não affirmão nem podem depor que elles fossem christãos velhos e limpos de sangue, e assim fique faltando a prova positiva da limpeza do justificante que se devia mostrar na forma de direito e Definitorios das ordens para se poder julgar por habel. E ordenando-se ao justificante declarasse as naturalidades dos ditos seus pays e Avos, e o mais que tivesse a esse respeito pedir por hua petição por elle assinada se lhe sentenciassem as suas inquirições no Estado em que se achavão se julgou pelos referidos impedimentos por inhabil para entrar na ordem do que se dá conta a V. Mag.^{de} como governador e perpetuo Administrador della na forma que o dispõem os Definitorios. Lisboa 7 de Fevereiro de 1715 — João da Mesquita e Matos — Dom Francisco de Souza — Joam Ribeiro Ferreira.

Está bem. Lisboa 13 de Fevereiro de 1715. — Uma rubrica.

Senhor — Das prouanças que se mandarão fazer a Dom Jayme de La Fé y Sagau para receber o habito de S. Tiago de que V. Mag.^{de} lhe fes mercê, constou que seus pays e Avós não tiverão nobreza algua, por serem pessoas de segunda condição e que o pay hera muzico que cantava por estipendio, dizendo hua testemunha que o Avô paterno fora Dançador e outra que se dizia fora a May do justificante Lavandeira; e por não haver sufficiente noticia dos pays e Avós e tãobem se não acharem legitimamente provadas suas origens, posto não houvece testemunha algua que depozece de defeito de sangue, pella falta de prova das ditas naturalidades e da que tem as testemunhas do conhecimento, e sufficiente noticia dos quatro Avós, não affirmaram nem poderem depor que elles fossem christãos velhos e limpos de sangue e assim faltace a prova positiva da limpeza do justificante, se julgou por inhabil para entrar na ordem do que pella consulta incluza se deu conta a V. Mag.^{de} a que foy servido mandar responder que estava bem. — Tendo o sup.^{to} esta noticia recorreo a V. Mag.^{de} com hua petição em que refere que V. Mag.^{de} foi servido honrallo com o dito habito de Santiago cujas provanças se haviam feito nesta corte como patria comua e não se havendo achado bastantes testemunhas por fazer hua declaração de occupações que tiverão os pays e Avós paternos delle supp.^{to} estava por esta causa excluydo de possuir a honra que V. Mag.^{de} lhe havia feito. — P. a V. Magestade seja servido dispençallo nas mechanicas e impedimentos que por parte de seus pays e Avós lhe rezultarão — E por V. Mag.^{de} mandar que a dita petição se veja neste Tribunal e se consulte o que parecer sem em-

bargo das ordens em contrario — Sendo tudo visto — Pareceu que visto V. Mag.^{de} haver condecorado o habilitando com a mercê do habito a contemplação da Raynha Nossa Senhora e a mesma Senhora se servir de interpôr para com elle na prezente supplica a sua soberana protecção como se fizera prezente neste Tribunal devia V. Mag.^{de} haver por bem dispençallo pois o respeito de hua tal intercessão hera justissima cauza para facilitar hua dispença que não depende mais que da real grandeza de V. Mag.^{de} — Lisboa 12 de Abril de 1715 — João da Mesquita e Matos — Joam Ribeiro Ferreira — Dom Francisco de Souza — Como parece. Lisboa 13 de Março de 1715. — Uma rubrica. — (Meza da Consciencia e Ordem — Maço 8 n.º 5, da Ordem de S. Thiago)

SOUSA VITERBO.



Um exemplo a seguir

No nosso ultimo numero demos a noticia de que no regimento de infantaria 14.º de guarnição em Vizeu, por iniciativa do seu digno commandante o sr. coronel Sesinando



SESINANDO RIBEIRO ARTHUR

Ribeiro Arthur, se davam concertos por forma diversa d'aquelles que vulgarmente dão as outras bandas regimentaes em terras de provincia. Sendo infelizmente muito raro que os commandantes dos corpos se interessem pela boa organização das suas bandas, e menos pelo modo como ellas desempenham os concertos *da ordem*, e pela escolha dos trechos, deliberamos escrever a s. ex.^a, em que logo advinhámos um cuidadoso apreciador de musica, sem muitos cooperadores na sua classe. Respondeu-nos aquelle cavalheiro que não temos a honra e

o prazer de conhecer, n'uma extensa e amabilissima carta, em que nos dá promenores dos concertos realizados no quartel. Não nos enganámos na antecipada apreciação que fizemos de s. ex.^a, que na sua carta que por longa não publicamos, se revela não só um amator erudito, mas cheio de boa vontade para desenvolver a cultura musical, conseguindo um aperfeiçoamento não vulgar attendendo aos fracos elementos de que dispunha.

Para attingir este resultado, diz s. ex.^a: «encontrei a banda do regimento n'uma mediocridade bastante para lamentar e logo pensei em a levantar por ter encontrado n'ella bons elementos e a boa vontade do regente o sr. Biscaya, professional da velha escolla, mas muito competente e d'uma probidade digna de louvor.»

Accrescenta o sr. Ribeiro Arthur que ainda o auxiliou um seu amigo «o sr. Adriano Vaz de Carvalho, illustrado e particularmente dotado d'um sentimento artistico.» Procurou um local apropriado no quartel, longe do bulicio da praça publica, obtendo assim um auditorio selecto. Escolheu as operas, d'onde seleccionou as partes que melhor se adaptavam a banda, e exigiu um rigor nos ensaios de modo a conseguir um bom desempenho artistico. No fim do primeiro anno diz que o resultado ainda o não satisfez, porém não desanimou, descobrindo que a falta do aperfeiçoamento provinha em parte da escassa instrucção dos executantes, pois «alguns pouco mais são do que alphabetos.» É o mal de que enfermam quasi todas as classes artisticas e operarias, no paiz, e de que resulta a ausencia de sentimento artistico em todas as manifestações. O sr. Ribeiro Arthur lembrou-se e muito bem, da esthetica de Veron, e trata de instruir os seus musicos de modo a habilital-os a comprehender a arte que professam, a adquirirem uma intuição artista que decerto não possui em geral o musico militar, que escolheu aquella profissão, como qualquer outra, apenas no intuito de ganhar a vida. Mas não se admire s. ex.^a porque no Conservatorio de Lisboa, não ha uma aula de

esthetica musical Um alumno com o curso completo nada sabe além da technica musical, não conhece authores, epochas, estylos, escolas, não distingue o que é classico do que é lugar commum ! E exigem lhe uma rasoavel instrucção litteraria !

Conseguirá S. Ex.^a como diz crear aos musicos da sua banda «uma alma nova, onde se encontre o respeito pela arte e a admiração do bello» ?

E' muito louvavel a obra do sr. commandante Ribeiro Arthur, e na verdade merece registo a sua iniciativa e amor pela arte divina dos sons. Lamenta com razão que os seus camaradas não façam o mesmo esforço, pouco caso fazendo das bandas que tão grande importancia teem sob o ponto de vista militar, e recorda que «os soldados da Republica franceza marchavam sem pão e sem calçado, até aos confins do mundo, levando a victoria e a civilisação na ponta das bayonetas ao som do seu hymno patriotico». E accrescenta: «Mas o que quer v. se ha officiaes muito illustrados que teem levado toda a sua vida a fazer projectos de calçado e pensam ter descoberto o segredo das marcas, quando elle está especialmente no fremito transmittido pela boa musica marcial».

Alarga-se s. ex. na sua carta em considerações em que mostra muita erudição na historia da evolução esthetica da arte, o que explica a sua attenção para a banda do seu regimento.

Quizeramos uma parcellasinha dos conhecimentos e bom gosto de s. ex.^a para os seus camaradas, porque as boas bandas regimentaes, especialmente na provincia, muito concorrem para desenvolver o gosto pelo bello, o aperfeçoamento do espirito pela arte que tende á perfeição moral, que tira gente á taberna e aos vicios, e que até já lhe atribuem propriedades therapeuticas em doenças nervosas.

Os musicos militares estão bem mal pagos, miseravelmente pagos, e sem uma cathegoria militar que lhes dê a devida consideração. Mas aos commandantes dos corpos cabe toda a culpa, porque ao contrario do procedimento do sr. coronel Ribeiro Arthur, são os primeiros a negar-lhe a devida importancia, olhando-os com um ignaro desdem onde vae alem de ignorancia, pouca cultura intellectual.

Quando um dia os commandantes dos corpos se interessem devidamente pelo alto nivel artistico dos seus musicos, estes facilmente obterão dos poderes publicos a devida consideração e a remuneração condigna.

Manda-nos o sr. Ribeiro Arthur alguns programmas dos seus concertos, em que se executam grandes trechos de operas de au-

tores antigos e modernos. Desejamos-lhe que consiga a perfeição que deseja, e restanos agradecer-lhe a amabilidade da sua carta, e a felicital-o em nome da Arte que tanto amamos.

ARTHUR NOGUEIRA.



CARTAS A UMA SENHORA

LXXVI

De Lisboa.

Minha senhora

Ao som da guisalhada estridula dos foliões do entrudo vou eu desfiando estas linhas pardas, que abi lhe chegarão — já na quaresma.

Poupal-a-hei, comtudo, á descripção insulsa do que foram os quatro dias *gordos* que precederam a quarentena *magra*, porque — ai de nós — nada de superiormente artistico ou de finamente bello se desvendou aos nossos olhos; e, por mim, já reputo sensível triumpho havermos em parte ficado livres da brutalidade classica que em geral acompanhava sempre esses barulhentos e inestheticos dias.

Por desgraça, creio ter ficado de reserva — talvez para o consumo ordinario — uma dóse d'essa brutalidade, ainda relativamente avultada.

P'los modos, isto de carnaval civilisado, que philosophicamente sou o primeiro a reconhecer não fazer grande sentido tambem no ponto de vista concreto e nacional, apparece por igual destituido d'elle. Isso explica de certo a pequenez da victoria ganha desde que meia duzia de bem intencionadas almas, se deram á ingloria tarefa de querer tental-a.

Mas não desanimemos, que o Porto comecou a demonstrar brilhantemente a verdade da these por que essas bem intencionadas almas se apaixonaram, e Lisboa acabará por imital-o, com muito pesar dos amantes da selvageria obrigatoria — e concominantes porcarias.

Andam ahi sempre a falar-nos na chamada *gente conhecida*, na *finá roda*, na *alta sociedade*, emfim; pois muito bem, queiram suas excellencias todas, que n'esses grupos occupam logar, e contra as quaes eu nada tenho, dar o exemplo, organisando festas de um caracter elegante e artistico, e em vez de esperarem que os divirtam, mantendo aliás constantemente o ar fastiento de quem de

tudo se encontra saturado, resolvam-se um dia a divertir-nos também a nós, — a ver como isso é...

Póde ser que assim a novidade pegue.

Desçam francamente á rua, sem receio da gente miuda, que será porventura um bem para esta, e para suas excellencias, sem duvida não será um mal...

*

Vinha eu dizendo que carnaval civilizado não forma grande sentido; mas, santo Deus, ha tanta cousa identica que também o não forma!

Olhe a minha amiga para o eufemismo de certas palavras a esconderem mal o desvergonhamento de manifestas intenções.

Veja os politicos a apregoarem liberdade, tolerancia, comprehensão, e, assim que se apanham com o mando, a mostrarem-se-nos tão despoticos, tão intransigentes, tão estreitos, como se na realidade nunca houvessem sido outra cousa.

Contemple mesmo os varios depositarios, na terra, d'aquillo que seus labios ungidos, chamam o augusto verbo de Deus, e repare como elles a miude o esfrangalham ou o transmudam, a ponto de, não só elle nos não parecer divino mas nem sequer se nos affigurar humano, tão eivado de malvadez ferina ou de bestial instincto se nos procura impor...

Ouçã por ultimo os diversos representantes dos humildes e dos fracos, os que no mundo se propõem a combater o bom combate da liberdade e da democracia, e repare em quantos apenas fazem o jogo das suas ambições mesquinhas, dos seus interesses terrenos, das suas rivalidades tristes...

Aqui, e lá fóra. No alto e em baixo; entre os que se fazem servir por escravos, obedecer por subditos ou acclamar por eguaes...

Ora pois, Deus nos dê paciência, para irmos supportando tudo e todos, que já agora, o caminho do Progresso parece não poder ser outro, e n'elle nos hão-de sempre assaltar essas abominações innumeradas que amiudadamente o invadem, e ferir-nos esses cardos densos que, não raro, o juncam, a ponto de o converterem de quando em quando em matagal bravo.

Por felicidade, pelo que particularmente nos diz respeito, como portuguezes, nem tudo são sombras no horisonte, e assim é que lhe posso annunciar a constituição da Liga Nacional de Ensino, que a iniciativa persistente e penetrante de Trindade Coelho arrancou aos limbos onde se perdem tantos e tão formosos sonhos, para dar a esse uma proxima e virente realidade; igualmente

lhe notifico, cheio de jubilo, que um pouco mais alem desponta outra luminosa esperanza, a formação de um nucleo de bellos e altos espiritos, dispostos a interferirem de maneira efficaz e viva nos destinos sociaes de Portugal, por via do seu ensino e da sua educação; e emfim, para concluir, acho que lhe será grato saber que vamos assistir talvez ao accordar em algumas camadas, ao alvorecer em outras, do espirito associativo, que sob a fórmula de cooperativas e de parcerias, de associações e de ligas, se prepara a actuar na structura nacional, imprimindo-lhe a consistencia que ella vae perdendo, e sobretudo creando lhe uma alma nova e um novo modo de ser, que ao mesmo tempo que materialmente a engrandeça, espiritualmente a nobilita.

Mas tudo isto são contos largos e o correio está a partir.

Para a outra vez será...

AFFONSO VARGAS.



Vai bastante adeantada a epoca lirica e, á excção de Gagliardi, Alvarez, Titta Ruffo e Bonini, ainda até hoje não foram apresentados artistas de canto que de si nos deixassem grátas recordações. E é preciso notarmos que a sr.^a Gagliardi, apesar de a termos na conta de artista corréta e conscienciosa, ainda a não ouvimos em opera que nos desse ensejo para devidamente aquilatarmos o seu valôr real. O tenôr Alvarez, como já dissemos, foi um Otello feroz e um Romeu encantadôr, mas para se fazer aplaudir valeu-se em especial dos seus notaveis recursos em arte dramatica, porque a sua voz, no crepusculo do ocaso, é-lhe ás vezes muito infiel. A' falta de Maurizio Renaud, outro dacadente, devemos a inesperada visita de Titta Ruffo, um artista inteligente, capaz de ser um cantôr excçãoal, porque para isso tem elementos de sóbra, mas um prodúto da moderna escola, salientando-se e impondo-se em toda a parte pela superior interpretação dramatica das personagens que personifica; um grande actôr revestido de cantôr, como já dissemos. E acima de tudo um talento de excção, como d'isso é prova convincente o rapido estudo do *Hamlet*, que pela primeira vez cantou em Lis-

boa, apurando em quatro dias a parte de canto sob a direcção do notavel *maestro* Luiz Mancinelli.

É portanto ao fortuíto acaso d'uma falta de escritura, — a de Renaud — que devemos o ter ouvido Titta Ruffo no apogeu da sua gloriosa carreira artistica.

De Bonini já temos dito o bastante para se comprehender que S. Carlos tem sido aproveitavel escola de canto para a sua magnifica voz. E é este infelizmente o papel que agora está distribuido ao nosso outr'ora afamado teatro lirico: ser escola de artistas novos ou albergue de cantôres inválidos.

No dia 2 do corrente foi outra vez cantado o *Rigoletto*. Era preciso apresentar Titta Ruffo nesta opera, em que continuou a revelar-se actor emérito principalmente na interpretação do monologo que se segue ao encontro com Sparafucil, no 2.º quadro do 1.º acto. Titta Ruffo foi por agora um me-treiro que após si deixou um rastro luminoso de louros e entusiasticos aplausos, que por certo na futura época lirica se repetirão em cada noite em que se fizer ouvir.

Mas ao lado d'um tal *Rigoletto* tivemos a sr.ª Clasenti, uma Gilda ingénua até na arte de canto, embora com um orgão vocal digno dos cuidados d'um bom mestre de vocalização, e a debutante sr.ª Beinat, que, classificada como meio soprano, mas sem ter voz para cantar, declamou regularmente o verso que pertence á parte de Magdalena. O duque de Mantua teve como interprete o tenôr Schiavazzi, que por certo pela primeira vez na sua vida de artista cantou o *Rigoletto*, ficando por agora impossibilitado de se tornar a fazer ouvir nesta opera.

E é para sentir que em S. Carlos não haja este anno um só quarteto apresentavel de cantôres. Esta falta de artistas obrigou Titta Ruffo a uma segunda *serata* de despedida com o *Hamlet*, em 15.ª recita extraordinaria, na noite de 5 do corrente, em que devia ser cantada a *Fedora* pela sr.ª Maria Arneiro, que adoeceu.

Mas apesar do seu mau estado de saude a sr.ª Maria Arneiro foi forçada no dia seguinte a fazer a sua apresentação na *Fedora*, e d'aqui a impossibilidade de satisfazer ás exigencias do final do 2.º acto e de todo o terceiro, podendo ver comprometida a sua reputação de cantôra distinta, se os seus precedentes lhe não valorizassem de ha muito a cotação.

Num artigo editorial de 15 de julho de 1903, fazendo o necrologio do *maestro* português visconde de Arneiro, dizia a Arte musical: «Mary d'Arneiro, sua filha adóti-va, que estudou canto sob a direcção do proprio visconde, é hoje um dos sopranos dramati-

cos de mais reputação no mundo teatral e diz-se que está este anno escriturada para S. Carlos, onde em tempo estreou a sua carreira lirica no papel de Margarida do *Fausto*.»

A publicação do retrato da sr.ª Maria Arneiro nas paginas da «Arte musical» é homenagem que se lhe deve prestar e representa ao mesmo tempo veneração pelo homem que honrou a arte nacional portugueza e que se chamou José Augusto Ferreira da Veiga, visconde de Arneiro.

Tambem nesta quinzena houve de notavel em S. Carlos a audição do drama lirico



CHARPENTIER

Luisa, de Charpentier, pela primeira vez ouvido em Lisboa a 7 do corrente em 17.ª recita extraordinaria.

É muito cêdo para que os *dilettanti* de S. Carlos conscienciosamente ajuizem do merito da partitura, que reputamos de subido valôr. E é muito cêdo, se desde já os que pretendem fazer opiniao em S. Carlos se não lembrarem de pedir á empresa que retire de scena o interessante drama lirico do esperançoso compositor francês, como no anno passado succedeu, para vergonha nossa, com os *Mestres cantôres* de Wagner.

A quase generalidade dos frequentadores de S. Carlos nunca se dá ao trabalho de lêr e estudar o poêma da opera ou drama lirico que vai ouvir. Ajuiza da partitura pelas me-

lódias mais ou menos sentidas, pela impressão comovente até ás lagrimas d'uma romança cantada pelo tenôr ou a soprano, pelo abalo nervoso produzido por um trecho sinfonico de grande sonoridade, em que o *maestro* dirêtor da orquestra mostre pelo

sões e, num armónico trama em que ha tambem muita originalidade, apresenta-nos a sedução de bellas combinações de timbres e uma parte descritiva que se casa intimamente com as minudencias do poêma. Ha na partitura da *Luisa* uma superior com-



MARIA d'ARNEIRO

agitar dos braços a enorme dificuldade de levar os instrumentistas a pôrto de salvamento. Então sim. Irrompem os aplausos e o drama lirico adquire fóros de viabilidade.

Na *Luisa* de Gustavo Charpentier quase não ha d'isso. A orquestra, moderna e finalmente tratada, descreve situações, dá colorido ao poêma, friza sensações e sentimentos, procura de contínuo avolumar impres-

preensão artistica que não é facil interpretar nas primeiras audições a quem antecipadamente não tiver feito um estudo da obra.

Evitaremos portanto juizos que são intempestivos. Do comêço ao fim da partitura ha inuitos comentarios de côr local a considerar, proprios da vida parisiense, intoleraveis e mesmo incompreensiveis para quem os desconhece. Agrada o cortejo que vem

coroar Luisa, Musa de Montmartre, rainha da Bohemia; agrada a vista nóturna de Paris iluminado, aos que não viram melhor encenação, principalmente na *Opera* de Paris. Mas é cêdo para falarmos das impressões com que a obra de Charpentier foi recebida em Lisboa. Para nós, com franqueza o dizemos, é uma partitura que merece muita atenção, muito estudo, que parece realizar uma concepção feliz do drama lirico. Assim por interpretes tivesse um Julião com melhor voz, uma Luisa, que a par da superior interpretação dramatica, emittisse com facilidade notas agudas sonoras e brilhantes. O duêto que abre o terceiro acto, e que foi talvez o trecho em que Charpentier pôz o melhor da sua inspiração, não produziria o effeito de demasiado extenso se fosse cantado d'outro modo. Schiavazzi não é tenor com voz suficientemente simpatica para na *Luisa* produzir as impressões melodicas com que Charpentier naturalmente contava.

Mas por muito superior que seja o desempenho da obra do notavel compositor francês, parece-nos bem que fóra da França ou talvez mesmo fóra de Paris, poucos frequentadores de teatro lirico se interessarão pelo estudo d'uma musica, que para ser bem compreendida precisa de muitas audições e cujo poêma, nos seus episodios, só mediocrementemente prenderá a atenção dos que conhecerem a vida intima dos bairros operarios de Paris, como sucede no 2.º e 3.º actos. Quanto ao 1.º e 4.º actos é muito para sentir que Charpentier só nos castigos corporaes visse o meio de uma mãe impôr moral a sua filha, já muito na idade de tomar a responsabilidade dos actos que pratica. E' demasiado velho o processo e, pela natural reacção inerente a todo o ser vivo, d'elle resultam exactamente as consequencias que o autôr do librêto parece querer combater: a ociosidade, o vicio e a libertinagem da bohemia parisiense, a par da deshonra d'um velho operario, doente e extremoso para com a filha, embora impotente para impedir as bofetadas que a mãe lhe prodigaliza.

Poêma sem atractivos e musica difficil de interpretar, embora d'uma fina contextura e de superior concepção, não nos parecem condições que tenham por effeito obter o agrado de quem vai para o teatro lirico com o fim de se distrair e de ouvir *boa musica* e nunca para se dedicar ao estudo de intrincadas e enredadas polifonias.

E' com verdadeiro sentimento que nos vemos forçados a expôr esta opinião a respeito do poêma da *Luisa*, cuja musica tem para nós verdadeiros encantos de instrumentação e que bem merecia a homenagem

que lhe é devida e a que o seu autôr tambem ha já muito tempo tem direito pela belleza de algumas obras orquestraes que lhe conhecemos.

12 de fevereiro.

ESTEVES LISBOA.



O maestro Giorgio Polacco, do theatro S. João do Porto, effectuou em 3 do corrente um grande concerto d'orchestra que teve, no dizer dos jornaes portuenses, um exito brilhantissimo.

Eis a relação das obras executadas; *Invitation à la Valse*, de Weber; *Quinta Symphonia*, de Beethoven; *Le Rouet d'Omphale*, de Saint-Saëns, Préludio de *Hansel und Gretel*, de Humperdinck; *Preludio e Morte de Isolda*, de Wagner.

Tambem tocou o nosso conhecido Nicolino Milano, a solo, a *Legenda* de Wieniawski, o *Moto Perpetuo* de Ries e *Malacueca*, de sua propria composição.

*

No mesmo dia effectuava se em Lisboa o quarto e ultimo concerto dos promovidos por Alexandre Rey Colaço, a favor de uma colonia de verão para creanças pobres.

Tres distinctas pianistas se apresentaram a solo n'este concerto, as sr.^{as} D. Judith Fernandes, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso e D. Maria Adelaide Santos, sendo esta ultima discipula de Francisco Bahia.

Na *Sonata* de Chopin, que a primeira senhora executou, surprehendeu-nos a transformação porque passou a sua *maneira*, desde a ultima vez que tivemos a fortuna de a ouvir. Dotada de um temperamento extremamente impressionavel, artista a valer *jusqu'au bout des doigts*, a sr. D. Judith Fernandes, apesar de certos desvios de technica que vinham a mór parte das vezes da propria exaltação expressiva, causavamos sempre a mais funda das impressões. Hoje, na formosissima Sonata do mestre polacco, essa flogosa organização d'artista dá-nos uma tradução correctea a mais não ser, mas pouco colorida e deveras frouxa quando, como por exemplo no ultimo numero da Sonata, o proprio movimento nos apparece alterado.

Esperamos que a transformação aponta-

da seja apenas filha de circumstancias do momento e que não atinja de modo algum o futuro de tão interessante individualidade artistica.

Da sr.^a D. Elisa Pedroso seria redundancia fallar com elogio; o *Intermezzo* de Brahms, que muitos profissionaes não poderiam interpretar com tão elevada distincção, as peças de Chopin e um *Fado* inedito de Vianna da Motta, que a eximia artisla tocou fora do programma, são outros tantos padrões do seu alto valor de executante.

A' sr.^a D. Maria Adelaide Santos e ao seu professor endereçamos tambem os nossos mais sinceros emboras pela maneira brilhantissima como foi executada a 15.^a *Rapsodia* de Liszt, que o publico applaudiu phreneticamente. Tambem tocou *hors programme* um *Lied* de Schubert-Liszt.

A escola de Francisco Bahia é hoje uma das mais justamente consideradas do nosso paiz e bastariam os discipulos que n'estes ultimos tempos lhe temos ouvido, Aroldo Silva, D. Isaura Costa, D. Maria Adelaide Santos e sua propria filha, D. Maria do Carmo, para lhe estabelecer uma iniludivel reputação de grande mestre, d'essas que o tempo não conseguirá amortecer. Aqui o felecitamos entusiastamente.

Figurou tambem no programma o sempre admiravel *Concerto* de Bach, para tres cravos, com acompanhamento de instrumentos de corda. O professor Colaço, sua filha Jeanné e Mad.^{elle} Villiers intrepertaram esta obra collossal com grande nitidez e respeitosa obediencia ao estylo.

Cantou tambem a sr.^a D. Angelina Pinto Leite, a quem gostosamente applaudimos, como no anterior concerto.

Dos coros orpheonicos com que fechou esta festa musical e que eram ensaiados pelo esforço professor Ribeiro, só podemos *curar por informações* por já não estarmos na sala quando elles se cantaram; dizem-nos porem que a interpretação excedeu toda a expectativa e conciliou os suffragios de todo o publico, que até solicitou a repetição de alguns numeros.

Fôra do programma o distincto ensaiador fez cantar ainda *Les Voyages* de Abt.

*

A escassez de espaço já nos não permite fallar da *soirée* de carnaval, com que se entretiveram, a 3 do corrente, os alumnos da *Real Academia de Amadores*.

Não queremos no emtanto deixar de alludir aos orpheons populares, que o illustre professor Thomaz Borba organisou, com as pequenas alumnas da sua aula da Academia.

Optima afinação, firmeza nas entradas, maleabilidade na sonoridade. Estas qualidades, tão difficeis de conquistar em creanças, conseguiu-as Thomaz Borba em pouco tempo e só com o poder do seu primoroso talento e da sua paciencia evangelica. Enviamos-lhe pois d'aqui um entusiastico *bravo* e os melhores augurios pelo futuro do seu gentil orpheon.

Algumas das discipulas de D. Maria Adelaide Sanguinetti, D. Alice Dias da Silva e Eugenio Costa tambem se apresentaram com muita distincção.



PORTUGAL

Realisou-se em 2 d'este mez a solemne inauguração do órgão portuguez da igreja da Graça.

Já aqui fizemos uma descripção promenorizada d'este bello instrumento, que se deve aos esforços de um fabricante tão modesto quanto emprehendedor, o sr. Augusto Claro, de Braga, e felicitando-o mais uma vez pelo seu trabalho, temos o prazer de registrar que já recebeu mais duas encomendas de órgãos, dos quaes um para o sr. Manuel de Castro Guimarães e outro para a igreja das Mercês.

Reuniu-se uma comissão de pessoas da melhor sociedade, afim de revestir da maior imponencia o acto inaugural, organisando um concerto *ad hoc* e attrahindo ao local sagrado farta copia de convidados.

Farejou finorio Paque um pedacinho de popularidade barata, prudentemente acobertado pela respeitabilidade do logar, e logo se offereceu á comissão para *façer a festa*. Generosamente, é claro, que a generosidade é o primeiro e mais glorioso apanagio do grande homem; mas guiava-o tambem o serafico receio de que algum portuguez se adeantasse a estragar tudo, como é uso de portuguezes em materia d'arte.

Os senhores e senhoras da comissão, ignorando quasi todos a triste celebridade do *generoso* offerente, acceitaram jubilosos.

E Paque tocou. Tocou um conjuncto de peças, cujo programma hybridio, muito difficil por vezes, abrangia desde Bach até Saint-Saëns, passando por Desiré Paque, F. d'Azevedo e... *cela va sans dire*, A. Machado (!!).

E a critica não fallou.

E nós também não fallámos, esperando pacientemente a occasião em que o illustre patarata se decida a apresentar-se em local mais profano, para lhe fazermos uma ovação de... batatas.

*

Já estão impressas e muito breve serão postas á venda as deliciosas composições do *maestro* Alberto Sarti, que a nossa casa acaba de editar.

São as seguintes:—*Le chant de la pluie, Le baiser, Les cheveux, Les deux cœurs, Détachement, Pourquoi rougissent les roses, Dernière pensée, Tendresse, Testament d'amour e Les Chaines.*

Algumas d'essas obras já tem sido apreciadas nos concertos do *maestro* Sarti e consta-nos que se fará brevemente uma audição especial em que serão cantadas as dez composições.

*

As ultimas noticias ácerca da saude do illustre *maestro* Alfredo Keil, tão preciosa para todos os admiradores do seu grande e bello talento de compositor, são o mais possível satisfatorias.

A' data em que escrevemos, o notavel artista ainda não tinha sahido comtudo do Hospital de S. José, onde, como se sabe, soffreu uma melindrosa operação.

*

Encontra-se no Porto o estudioso e simpatico concertista Raymundo de Macedo, que dará uma audição n'aquella cidade em fins de março, vindo em seguida a Lisboa e partindo d'aqui para as Ilhas, Brazil, etc.

O talentoso artista acaba de nos fazer um offercimento de um tal altruismo, que não resistimos á indiscreção de lhe dar a merecida publicidade, em que peze á modestia do generoso offerente. Pensa Raymundo de Macedo em reservar, em todos os concertos que realisar quer em Portugal, quer no estrangeiro, uma verba especial e não inferior a 10 % em favor da *Caixa de Socorro a Musicos Pobres*, que a presente revista d'arte fundou no principio do anno passado e que tão bem acolhida tem sido por todos os nossos artistas e amadores.

Ao illustre concertista portuense enderecamos todos os nossos agradecimentos por tão bizarro offercimento.

*

Pede-nos o professor Hernani Braga uma correcção á noticia sobre o concurso do Conservatorio, para a cadeira de piano, de-

clarando que nunca foi sua intenção apresentar-se n'esse concurso.

Ahi fica pois a rectificação.

*

Promette ser brilhantissimo o concerto que a *Sociedade de Concertos e Escola de Musica* organisou em favor da *Caixa de Socorro a Musicos Pobres* e que deve realisar-se definitivamente em 24 do corrente mez ás 2 horas da tarde.

Estão suscitando verdadeiro interesse a orchestra d'arcos, que vae ser proficientemente dirigida pelo illustre violinista D. Pedro Blanch e outros numeros de concerto absolutamente excepçionaes que hão-de concorrer brilhantemente para o completo exito d'esta festa.

Conta-se entre elles um solo de clarinete do eximio professor Severo da Silva e outros das notaveis amadoras e professoras D. Hilda King, D. Herminia Alagarim, D. Rachel e D. Deborah de Sousa.

A orchestra compõe-se dos seguintes artistas e amadores:

Violinos — D. Eugenia Crespo — D. Philomena Rocha — D. Deborah de Sousa — D. Luiza Picão — D. Ermelinda Ribeiro — D. Maria Oliveira — D. Lucinda Cunha — D. Sarah de Sousa — D. Maria do Carmo Lage — José Carneiro — Cecil Mackee — Augusto Gomes — Costa Pedreira — Alvaro Barreto — Antonio Joyce — Antonio Magalhães — Mario Pereira — Antonio Pereira — Accacio Santos — João D'Korth — Theophilo de Russel — Mario Martinez — Sergio Muñoz.

Violetas — Antonio Lamas — Carlos de Sá — Arthur Duarte — Ivo Cunha e Silva — Julian Sanz — Luiz Monteiro.

Cellos — D. Adelaide Guerreiro — D. Rachel de Sousa — Manoel Oitolini — Victor Guimarães — Moraes Palmeiro.

Contra-baixos — Filippe da Silva — José Ferreira Braga.

Harpa — D. Hilda King — José Bonet.

Orgão — Julio Silva.

Executam 4 trechos — *Le Déluge...* de Saint-Saëns. N.º 1 *Moment Musical*. N.º 2 *Entr'acte de Rosamonde* de F. Schubert. *Pizzicato* de Brenner. *Largo Religioso*, de Haendel.

A meticolosa organização do programma e os intuitos philanthropicos d'este commettimento são motivos de sobejo para que o publico accorra numerozo ao salão do Conservatorio, onde a festa se realisa.

Os bilhetes, que se encontram á venda na sede da *Sociedade* (Rua do Alecrim, 17) e nos armazens de musicas, custam 500 réis,

podendo marcar-se os logares mediante 100 réis na referida séde e no proprio dia das 10 horas á 1 da tarde no salão do Conservatorio.

*

Na Exposição internacional de Literatura, Arte e Pacifismo que se projecta effectuar em Lisboa, ha uma secção, a sexta, destinada á Musica e a todos os artigos que á mesma arte se referem.

*

Em uma correspondencia para o *Seculo* (numero de 3 do corrente) lastima-se e com a maior das razões a situação actual dos musicos militares, cujos vencimentos são verdadeiramente ridiculos, a ponto de um musico de 3.^a classe ter apenas o vencimento de 140 réis diarios!

E obriga-se alguem que veste uma farda a viver e a sustentar a familia com 140 réis diarios!

Chega a ser inacreditavel!

*

Por causa das festas do carnaval e por estarem já tomados os restantes domingos do mez, não se pode realisar em fevereiro o concerto mensal da *Sociedade de Musica de Camara*. Haverá portanto dois em março, tocando-se no primeiro as seguintes obras.

QUARTETO n.º 1. *Beethoven*
para instrumentos d'arco

SONATA *Simon*
para piano e violino (1.^a audição)

QUARTETO *Saint-Saëns*
para piano e arcos

Collabora n'este programma a eximia pianista, sr.^a D Ernestina de Barros Freixo.

*

De uma critica do *Musikalisches Wochenblatt*, de Leiprig, assignada pelo illustre critico Adolf Schultze, recortamos o seguinte periodo que deve interessar particularmente aos nossos leitores.

— José Vianna da Motta, cujo concerto com a orchestra philharmonica visitei na noite seguinte, (1 de dezembro de 1906), tocou o concerto em dó menor op. 44 de Saint-Saëns, Variações symphonicas e Djinns de Cesar Franck e a Fantasia polaca op. 19 de Paderewsky. Basta a presença d'este ar-

tista no estrado para se ficar bem impressionado. A sua execução é sã e energica, espirituosa e do maior bom gosto. A ajuntar a isso uma technica que vence as difficuldades as mais escabrosas sem a menor fadiga e um bello *toucher* produzindo as mais variadas gradações de sonoridade. Para provar a sua bravura e a sua arte de caracterisar basta citar a interpretação inteiramente pessoal que deu ás variações e Djinns, os quaes foram tocados com a maior clareza.

ESTRANGEIRO

Segundo informações recebidas directamente, o Quarteto Sevcik, de Praga, tem tido um exito absolutamente extraordinario nos concertos da *Sociedad Filarmonica Madrileña*.

As noticias que temos referem-se particularmente ao 5.^o concerto, effectuado em 24 de janeiro, e em que se executaram os *Quartetos* de Dvorak, Brahms e Beethoven (op. 59, n.º 1). Sobretudo este ultimo e o Dvorak, tanto pela belleza intrinseca, como pelo sentimento e *entrain* que attingiram na execução, tiveram um verdadeiro triumpho.

Lastima comtudo o nosso obsequioso correspondente que a boa musica se limite exclusivamente á que se ouve na *Sociedad Filarmonica*. Da que se faz nas *soirées* e nos theatros de Madrid, é melhor não fallar, diznos elle. N'estes ultimos cultiva-se apenas o genero *chico*, que além de ser falho de todo o interesse, tem concorrido poderosamente para a ruina de bom gosto artistico em Hespanha.

No 6.^o concerto do *Quarteto Sevcik*, effectuado em 26, coube a vez aos Quartetos de Smetana, Beethoven, op. 95, e Grieg.

A notavel cantora Ida Ekman (meio-soprano de concerto) tambem se apresentará na *Sociedad Filarmonica* em um grande concerto que se effectua em 18 do corrente.

*

Alguns artistas nossos conhecidos projectaram dar em Madrid durante este mez uma serie de 4 concertos de musica de camara, verdadeiramente interessantes.

São os srs. Julio Francez, Odón Gonzales, Conrado del Campo e Luiz Villas, que executam no Teatro de la Comedia quatro magnificos programmas, com obras de Mozart, Beethoven, Weber, Schubert, Schumann e outros celebres auctores.

*

O infatigavel editor Edoardo Sonzogno vae abrir dois novos concursos, particular-

mente destinados aos alumnos diplomados do Conservatorio de Milão.

O primeiro, com um premio de 3000 libras é para uma *symphonia* a grande orchestra; o segundo terá um premio de 2000 libras para a melhor cantata exclusivamente vocal.

O jury compôr-se-ha de Arrigo Boito, Guiseppe Galignani, Amintore Galli e G. B. Nappi.

*

Suicidou-se a filha do conhecido barytono Devoyod, que tanto enthusiasmo suscitou em Lisboa em tempos que já la vão.

A desditosa menina tinha 20 annos e nasceu em Lisboa.

*

Como já aqui se disse, não ha este anno a habitual serie de representações wagnerianas em Bayreuth.

Em 1908 cantar-se-hão no historico theatro o *Lohengrin*, a *Tetralogia* e o *Parsifal*.

*

O antigo director da Opera de Paris, Pedro Gaillard, vae demissionar no fim d'este anno, data em que expira o seu privilegio. Os srs. Messager e Broussan é que foram designados para o substituir na direcção da Academia Nacional de Musica.

*

A epoca wagneriana de Munich comportará este anno duas representações da *Tetralogia*, quatro do *Tristão e Isolda*, duas dos *Mestres* e duas do *Tannhauser*.

Antes d'este festival, o Residenz-Theater fará um cyclo de obras de Mozart.

*

A cantora americana Yvonne de Tréville depois de uma *tournee* de concertos na Alemanha e Austria escripturou-se na Opera de Nice para uma serie de representações em fevereiro e março.

*

Vae inaugurar se brevemente em Vienna d'Austria um Museu Musical extremamente desenvolvido.

Conterá instrumentos antigos e modernos, bustos e retratos de musicos e uma rica collecção de partituras autographas de Bach,

Haendel, Mozart, Beethoven, Weber, Spohr, Mendelssohn e Brahms.

Haverá uma vitrina onde será collocado o craneo de Haydn e serão destinadas diversas salas a uma exposição especial de pianos, que será por assim dizer a historia viva da fabricação d'este instrumento.

*

O maestro Giacomo Puccini parte brevemente para a America, com honorarios verdadeiramente principescos, 30.000 francos por mez. Mas o mais curioso é que, por condição do contracto, não deverá nem dirigir a orchestra, nem ensaiar, nem confeccionar.

Mas então o que vae lá fazer?...

*

Passou em 27 de janeiro o quinto anniversario da morte do grande artista que foi Guiseppe Verdi. O nosso collega milanez *Ars et Labor* consagra-lhe um extenso artigo commemorativo.

*

Mad.^{elle} Edel Thomson, filha do celebre concertista do mesmo apellido, casou com o conde Angelo Walter Brofferio, capitão do exercito italiano.

*

Em Nova-York realisou-se ha pouco uma Exposição nacional d'instrumentos musicos. Estavam representadas mais de 150 cidades americanas, abundando especialmente os pianos entre os artigos expostos.

*

A ultima obra de D. Lorenzo Perosi, ainda não concluida, tem por assumpto alguns episodios da vida de Santo Antonio e intitula-se *Il Santo*.

*

Paulus, o famoso cançonetista, encontra-se na miseria. Varios artistas parisienses pensam em organizar-lhe um beneficio.

*

Em um concerto ultimamente realisado em Colonia, tocou-se a *Missa de Requiem* de Giovanni Sgambati, consagrada á memoria do rei Humberto, d'Italia.

Sgambati, que como se sabe, foi o discipulo favorito de Liszt e amigo de Wagner,

e é justamente considerado o maior symphonista e pianista da Italia, teve uma ovação sem precedentes.

*

O Rio de Janeiro acolheu entusiasticamente o pequeno pianista Miecio Horzowski, que tanto applaudimos o anno passado no theatro de D. Amelia.

O minusculo artista está agora em *tournee* na America do Norte.

*

Saint Saëns regressou da America, completamente restabelecido dos seus incommodos e, depois de uma curta demora em Paris, partiu para o Egypto.

*

O professor Philipp, do Conservatorio de Paris, foi nomeado cavalleiro da Legião d'Honra.

*

Um dos violinistas mais idosos que hoje existe é o notavel professor Charles Dancla.

Completo 90 annos em 19 de dezembro passado.

*

A antiga sociedade parisiense da *Trompette* que se tinha extinguido, como annunciamos, reaparece-nos agora com uma nova administração e com o mesmo titulo.

Solemnizou a reinauguração com um concerto, em que tomaram parte o Quarteto Hayot e o grande pianista-cravista Louis Diémer.

*

Gabriel Pierné, auctor da famosa *Sérénade* que toda a gente conhece, acaba de compôr uma oratoria em 2 partes *Les enfants de Bethleem*, sobre um poema de Gabriel Nigoud.

E' escripta para coros infantis, solos e orchestra e será executada pela primeira vez em Amsterdam.



Em 31 de janeiro falleceu mais um dos nossos bons artistas musicos—Antonio Baptista.

Eis a notas biographicas, que conseguiamos colher acerca do saudoso professor.

Nasceu em 20 de outubro de 1858 e aos 10 annos d'idade assentava praça como musico em caçadores 3. Veiu dois annos depois, como flautim de banda, para o regimento d'infanteria n.º 1, aquartelado em Lisboa. Passou mais tarde a tocar cornetim em caçadores, 2, e ainda depois baritono em caçadores, 5, reformando se por fim em musico de 2.ª classe.

Frequentou o nosso Conservatorio cursando as aulas de cornetim e trompa sob a direcção de Ernesto Victor Wagner, de quem era discipulo predilecto. Concluiu esses cursos com a classificação de *louvôr* e frequentou no mesmo estabelecimento a aula de violoncello, até ao 4.º anno do respectivo curso.

Durante alguns annos fez parte da banda do theatro de S. Carlos, como flautim, e da orchestra do mesmo theatro, como violoncello e trompa.

Antonio Baptista, cujas optimas qualidades d'artista corriam parellas com uma extraordinaria modestia, estava ha muitos annos, como primeiro trompa, na orchestra do theatro da Trindade.



ANTONIO BAPTISTA

*

Em 5 do corrente morreu subitamente em Munich, de um ataque apoplectico, o estimado compositor Ludwig Thuille, com 45 annos apenas.

Nasceu em 30 de novembro de 1861, em Botzen (Tiról) e fez os seus estudos em Innspruch e Munich, sendo mais tarde nomeado professor da Escola Real de Musica d'esta ultima cidade.

Compoz as operas *Theuerdank* (Munich, 1897) e *Gugeline* (Bremen, 1901); um intermezzo, *Lobetanz* (Mannheim, 1898); *ouvertures*, coros para vozes d'homem, bonitas melodias e musica de camara.

Em Portugal é conhecido pelo seu bello sexteto em si bemol, para instrumentos de sopro e piano, que a *Sociedade de Musica de Camara* executou pela primeira vez em 2 de dezembro de 1900.

FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM. o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia. — Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia. — Imperador da Russia. — Imperatriz Frederico. — Rei d'Inglaterra. — Rei de Hespanha. — Rei da Romania. — SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega—Duque de Saxe Coburgo-Gotha. — Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).

BERLIN N. — 5 e 7, JOANNISTRASSE.
PARIS. — 334, RUE ST. HONORÉ.
LONDON W. — 10, WIGMORE STREET.

Lambertini

REPRESENTANTE

E

Unico depositario dos celebres pianos

DE

BECHSTEIN

43—P. dos Restauradores—49

TRIDIGESTINA LOPES

Preparada por F. LOPES (Pharmaceutico)

Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convallescentes, debeis e nas edades avancadas.

PHARMACIA CENTRAL

de F. Lopes

108, R. DE S. PAULO, 110—LISBOA

OSCAR BRANDSTETTER
LEIPZIG
Grandes officinas
de IMPRESSÃO DE MUSICA
em todos os generos
Typographia, Lithographia
Autographia
Composição mechanica
Machinas rotativas
Instalações especiaes
para grandes tiragens

Augusto d'Aquino

Rua dos Correeiros, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

Carl Lassen, Asiahaus

Hamburgo, 8

AGENTES EM ..

- Anvers — Joseph Spiero — 51, rue Waghmakere
- Havre — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 67, Grand Quai
- Paris — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 12, 14, rue d'Enghien
- Londres — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — Leadenhall Buildings, E. C.
- Liverpool — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — The Temple-Dale Street.
- New-York — Joseph Spiero — 11. Broadway.

EMBARQUES PARA AS COLONIAS, BRAZIL, ESTRANGEIRO, ETC.

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTTGART

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições: — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12.</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO.</i>
Candida Cilia , professora de musica, piano e harmonium, <i>L. de S.ª Barbara, 51, 5.º D.</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>R. da Penha de França, 23, 4.º</i>
Carolina Palhares , professora de canto, <i>C. do Marquez d'Abrautes, 10, 3.º, E.</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, A.</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>R. Luiz de Camões, 71.</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>Rua do Conde de Redondo, 1, 2.º, D.</i>
Guilhermina Callado , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.</i>
Irene Zuzarte , professora de piano, <i>Rua José Estevam, 17 r/c.</i>
Isolina Roque , professora de piano, <i>Travessa de S. José, 27, 1.º, E.</i>
Joaquim A. Martins Junior , professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
Joaquim F. Ferreira da Silva , prof. de violino, <i>Rua da Gloria, 51, 1.º, D.</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>T. do Moinho de Vento, 17, 2.º</i>
Julietta Hirsch , professora de canto, <i>R. Maria, 8, 2.º, D. (Bairro Andrade)</i>
Léon Jamet , professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucila Moreira , professora de musica e piano, <i>T. do Salitre, 19, 1.º</i>
M.ª Sanguinetti , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 61, 4.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>C. da Estrella, 20, 3.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Octavia Hansch , professora de piano, <i>Avenida de D. Amelia, M. L. r/c.</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º, D.</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.</i>

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias.....	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 rs.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49 — LISBOA

ANNO IX
NUMERO 196



A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA



Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	3:000 pianos
Produção até hoje	113:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)
Membro do Jury—Hors concours

A. HARTRODT

SÉDE: HAMBURGO — Dovenfleth, 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

Hamburgo — Porto — Lisboa

Antuerpia — Porto — Lisboa

Londres — Porto — Lisboa

Liverpool — Porto — Lisboa

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — **Hamburgo**

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, machinismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa sonoridade — Afinação segura — Construcção solida

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

LAMBERTINI

Pianos das principaes fabricas: — **Beehstein, Pleyel, Gaveau, Hardt, Bord, Otto, etc.**

Musica dos principaes editores — Edições economicas — Aluguel de musica.

Instrumentos diversos, taes como Bandolins, Violinos, Flautas, Ocarinas, etc.

Praça dos Restauradores

A ARTE MUSICAL

Revista publicada quinzenalmente

Redacção e administração Praça dos Restauradores 43 A 49

Proprietario e director

LISBOA

Editor

Michel'angelo Lambertini Typ. do Anuario Commercial—C. da Gloria, 8 José Nicolau Pombo

SUMMARIO: Franz Hals — Academia Musical de Amadoras — Theatro de S. Carlos — Correspondencia — Concertos — Noticiario — Necrologia.

Franz Hals

1580-1666

Der Lautenspieler (Het Rigksmuseum Amsterdam)

O seculo XVII conheceu os maiores pintores da figura humana em Rembrandt, Velasquez e Franz Hals, os realistas, e P. P. Rubens e Van Dick, que n'uma forma superior d'arte foram pela palheta os historiadores das castas aristocraticas das Flandres, da Inglaterra e da França. Grandes senhores, e artistas supremos, as suas obras valem pelo intrinseco da pintura, e pela significação de documentos reaes, com que perpassa deante de nós toda uma epoca d'explendores e de catastrophes, transmittindo a impressão d'uma chronica viva.

Rembrandt é, entre os realistas hollandezes, o mais subjectivo, attingindo um poder de synthese e de generalisação, sem precedentes na factura do retrato. Velasquez é o grande precursor, que ha-de inspirar, com uma alta noção esthetica e com uma te-

chnica incomparavel, os maiores artistas que na *Verdade* procuraram o criterio supremo das suas creações. «A atmosphaera dos seus quadros é aquella em que vivemos», disse a seu respeito Donnat, e Regnault, o auctor do *Prim* do Louvre, affirmava que «perante as suas telas tinha a impressão

d'uma janella aberta deante da realidade.» Franz Hals é, entre os artistas da figura humana, aquelle que mais se aproxima de Velasquez e de Rembrandt, porque nos seus retratos, além do poder de observação que individualisa caracteristicamente o modelo, define-se uma sujeição absoluta á verdade, comprehendida com a elevação, que Taine tem por indissolvel com toda a obra d'arte, digna da posteridade. A *illusão* é tão completa como

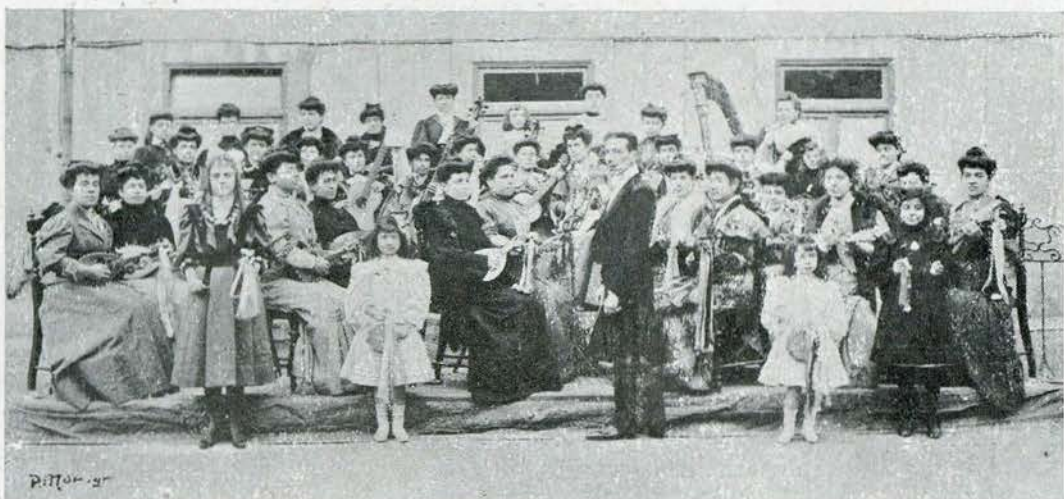


em Rembrandt, e despida de todo o artificio.

Hals é uma summidade da arte universal, e gloria lidima da Hollanda, a patria dos antepassados que deram á Inglaterra e á França as suas maiores escolas dos seculos XVIII e XIX.

GUIDO.

Academia Musical de Amadoras



«A mulher, a arte, a esmola! Tres lindas cousas reunidas em uma iniciativa unica.»

Eis um pensamento gentil. Um grupo de senhoras reunidas em orchestra e pondo o seu merecimento artistico ao serviço nobilissimo da caridade!

De facto, este grupo encantador, fundado ainda não ha muito, tem em mira promover concertos de tanto em tanto, mas unica e exclusivamente para fins de beneficencia.

Deve-se esta formosa ideia a um dos nossos mais prestimosos artistas, o sr. Alfredo Mantua. Foi elle que em maio do anno passado conseguiu reunir uma tuna feminina de 27 executantes, na maior parte suas discipulas, apresentando-as depois de dois mezes de ensaios em uma festa a favor do Asylo Feliciano de Castilho, para cegos.

A acceitação que a ideia teve, os applausos largamente colhidos e os incitamentos da imprensa periodica animaram as gentis tocadoras e o seu talentoso regente a iniciar um emprehendimento de maior tomo.

Hoje conta a *Academia* com 43 executantes, entre as quaes algumas de reconhecido valôr e que já temos tido muitas occasiões de applaudir como solistas em concertos.

A primeira audição que a encantadora tuna feminina vae realizar, depois da sua nova organisação, é, provavelmente, na noite de 16 do proximo março, devendo o producto reverter em beneficio do *Asylo da Primeira Infancia* (lactario). Entre outras pessoas de alta posição social, tencionam os promotores do concerto convidar S. M. a Rainha a Senhora D. Amelia, que é Presidente Honoraria da nova instituición.

Já podemos annunciar que n'essa primeira festa, além de poesias, monologos e cançonetas ditas por creanças de 5 a 10 annos e de varios solos instrumentaes, executará a nova tuna os seguintes numeros: — *Hymno-Marcha da Academia* (Mantua), *I Mandolini a Congresso*, Bailados da opera *Gioconda*, *Entr'acte et Danse des Bacchantes* de *Philemon et Baucis*, *Serenata* (W. Pinto), *Primeira Rapsodia de Fados* (Mantua), *El Clavel*, bolero (Monti), *Serenata* (Braga), *Tuno*, pasa-calle (Pachero Soares) e *Julito*, pasa-calle (Mantua).

Festa portanto para recommendar se por todos os motivos.



Durante a ultima quinzena tivemos a visita de dois artistas nossos conhecidos: a sr.^a Armida Parsi, que na noite de 16 reapareceu no *Profeta*, e o baritono Eugenio Giraldoni, na *Dannazione*, em 20 do corrente.

A voz da sr.^a Armida Parsi conserva as mesmas qualidades que lhe admiramos por ocasião da sua primeira vinda a Lisboa, na



ARMIDA PARSİ

época lirica de 1897 a 98: belesas de timbre, volume de som, afinação, dicação clara, e, alem de tudo isto, que já é muito, pureza de estilo e vocalização correcta, evidentes provas da sua esmerada educação musical e de boa escola de canto. Na grande aria do ultimo acto do *Profeta* fez a sr.^a Parsi demonstração cabal de tudo quanto acabamos de dizer e mostrou que conserva integra a extensão da sua voz, superior a duas oitavas. Naquela aria escrita por Meyerbeer para uma cantôra excéccional, a Viardot, é preciso empregar uma extensão de escala que vai desde o *lá* bemol grave até ao *si* bemol agudo. E a voz da sr.^a Parsi satisfaz completamente a todas as exigencias.

Faure, no seu método *La voix et le chant*, aponta como norma para os meio-sopranos a extensão do *lá* grave ao *lá* agudo e admite a classificação de meio soprano grave se a voz da artista desce até ao *sol*, confundindo-se assim com a extensão da escala do contralto, do qual apenas se distingue pelo timbre e volume de som, que são as características diferenciaes das vozes. A sr.^a Parsi,

descendo até ao *sol*, pôde ser considerada como meio soprano grave. Tem todavia sobre este genero de cantôras uma vantagem apreciavel: é o subir, embora com algum esforço, até ao *si* natural agudo, pois que os meio-sopranos mal atingem o *lá*, que sai aspero e mal timbrado.

Na sr.^a Parsi é manifesto o chamado registado de voz mixta, que nella é constituido pelas notas que formam o intervalo de quinta diminuta — *fá* sostenido a *dó* natural — dentro da pauta. Estas notas são mais sonóras sempre que a cantôra as pôde firmar nos registos de peito ou cabeça, o que muitas vezes é possivel conseguir, quando a artista procura corrigir estas diferenças de timbre, que, como é sabido, existem em todas as cantôras e resultam da transição de voz de peito para a de cabeça. O artificio consiste em firmar no registado de cabeça as notas mais agudas da voz mixta, no movimento descendente dos sons; e firmar no registado de peito as notas mais graves, no movimento ascendente.

Tudo isto são pequenas coisas a que em geral se não atende, mas ao mesmo tempo de muita utilidade para os que estudam canto, porque explica a razão d'uma diferença de timbre, d'umas notas veladas, de cuja existencia a artista não tem culpa e que nem sempre lhe é possivel corrigir. E essa diferença de sonoridade na transição do registado de peito para o de cabeça nunca representa canção da larynge; dá-se em todas as vozes de mulher.

O baritono Giraldoni, embora seja um



GIRALDONI

bom artista de canto com apreciaveis dotes de comediante, não consegue atingir a fama do seu mestre e progenitor *il padre* Leonce Giraldoni, para quem Verdi escreveu o *Simão, bôca negra*, e o *Baile de mascarar*. Sua mai, Carolina Ferni, cantôra tambem

de muita nomeada, foi em Italia a primeira interprete da *Africana*.

Na primeira noite em que na *Dannazione* ouvimos agora o baritono Eugenio Giraltoni notamos-lhe algumas deficiencias de voz em desacôrdo com a boa impressão que em epochas liricas passadas nos tinha deixado. Ou o sr. Giraltoni estava indisposto ou a sua voz vai perdendo o brilho metalico e a vibração que a distinguia, embora ainda conserve esta vibração em algumas notas agudas. Aos 36 ânos incompletos de idade, pois nasceu em Marselha a 20 de maio de 1871, e com os cuidados que os seus mestres e pais com certeza tiveram para lhe conseguir boa empostação da voz, é para surprender que tal factio se dê.

Na partitura do *Demonio*, a cujo estudo o sr. Giraltoni se dedicou com muito esmero e de que conseguiu fazer um trabalho digno de incondicional aplauso, está o artista muito mais á vontade, empregando uma meia voz e uns coloridos, que bem mostram a excellencia do artista e da boa escola em que foi educado.

No *Profeta* coube ao sr. Vignas o desempenho da parte do protagonista, que exige voz de tenôr dramatico, sonóra, de facil emissão nos agudos, principalmente na scena que precede a *preghiera*, no himno e no brinde.

A sr.^a Clasenti, unico soprano ligeiro de que a empresa dispõe e que tem tomado parte em muitos espétaculos seguidos com diferentes óperas, vai sentindo as consequencias d'uma fadiga precoce, como tinhamos previsto. Não se abusa impunemente da laringe, principalmente quando não foi educada com os precisos e pertinazes exercicios de vocalização.

Apezar de no *Profeta* haver largas mutilações e supressão d'alguns numeros fatigantes para o soprano ligeiro, a sr.^a Clasenti não póde arcar com a responsabilidade do que tem de cantar, embora se esforce para o conseguir. No *Demonio*, onde apenas no primeiro acto tem alguns vocalizios, está a sr.^a Clasenti muito mais senhora de si, tornando-se principalmente digna de aplauso no grande duêto final.

Ante-hontem debutou a sr.^a Garcia-Rubio, um soprano ligeiro que veio para substituir a sr.^a Clasenti no *Profeta* e que lemos em algures ter sido cedida em tão difficil ocasião por uma especial deferencia do empresario do Real de Madrid. Pois não é caso para muito do coração se lhe agradecer tão penhorante gentileza.

E á excepção da sr.^a Parsi está o *Profeta* sendo cantado por artistas espanhóes.

Habituaados já á mutilação e supressão

d'alguns numeros em quase todas as óperas, principalmente nas de Meyerbeer e outras em que a virtuosidade do artista constitue hoje um escólho insuperavel, não é para nós motivo de reparo que a Bertha do *Profeta* não cante a sua cavatina do 1.^o acto e se córte o tercêto do primeiro quadro do ultimo acto. Mas com uma artista da envergadura da sr.^a Parsi surprende-nos que desastradamente se mutile a grande aria, já que a romança com Bertha no 1.^o acto foi muito reduzida, suprimindo-lhe todos os vocalizios de importancia. Parece que ao menos a aria da meio-soprano podia ser cantada na sua totalidade e não seria isso de extrema difficuldade para a sr.^a Parsi.

As projecções luminosas no *Demonio* são de bonito effeito.

A encenação do *Profeta* é um descredito para o nosso teatro lirico. O scenario e guarda-roupa da coroação é d'uma pobreza que nos envergonha aos olhos de alguns estrangeiros que nos visitam e corre parelhas com a falta de comparsas. Tudo muito pobresinho. Nem os coristas tiveram dinheiro para se apresentar de barba feita num acto tão solemne.

26 de fevereiro.

ESTEVES LISBOA.

Correspondencia

Madrid, 22 de fevereiro

Carissimo Lambertini.

Não te será desagradavel ter alguma informação relativa á Sociedade Philarmonica de Madrid, a *unica* a meu vêr onde se faz boa musica e onde um temperamento artistico se não encontra compungido e contrariado...

Dir-te-hei até que é o unico refugio para o desgraçado que anda por essas ruas fóra a ingerir, *bon gré, mal gré*, assustadoras doses de musica malvada!

Abstrahindo da opera italiana no Real e dos concertos da Philarmonica, tudo o mais é uma verdadeira desgraça.

Anomalia extranha: o hespanhol, com o seu temperamento musical exhuberante, tem comtudo uma lamentavel falta d'orientação artistica! Embriagado pelos louros faceis da zarzuela, restringiu as suas ambições ao chamado *genero chico* que o publico vai sempre aceitando com infinito gaudio; se o querem vêr contente, dêem-lhe as costumadas *jotas*, os costumados *chulos* e o cos-

tumado *flamenco*. Não exige mais, de nada mais precisa.

E' innegavel que em algumas d'estas zarzuelas a musica tem realmente valor e então quem fôr um pouco artista sente-se confragido e pergunta a si proprio por que se não empregou esse talento em produzir alguma cousa de mais solido e de mais sério.

Mas a musica malvada, de que te fallava no principio d'esta carta, não é bem ainda essa. Imagina tu uns trinta sextetos ambulantes que, a cada esquina, nos atormentam os ouvidos...

Violinos, contrabaixo, flauta, clarinete e... philharmonica; não é um conjuncto delicioso?

Dos 6 executantes, ou para melhor dizer *executores*, ha cinco que são cegos. Com o generoso consentimento do *arístico* municipio, installam a sua orchestra em plena rua, ás vezes mesmo sobre o passeio, e commecam a moer o concerto, em que abunda o *intermezzo* da *Cavalleria Rusticana*, o *Spirto Gentil*, a ultima scena da *Tosca*, varios trechos da *Lucia* e do *Baile de Mascaras*, quasi toda a *Bohème*, a *Ave-Maria* de Gounod e por fim um pastellão de musicas nacionaes.

Foges d'esse e topas com outro á primeira volta de rua.

Refugias-te n'um café, no de Paris ou em qualquer outro, e lá está o amigo sexteto, com a competente *quête* e correlativo acompanhamento de *una limosna por l'amor de Diós*.

Outra praga que invade as ruas de Madrid, e que se não vê em nenhum paiz civilisado, é a dos realejos ou pianos de manivela. Esses passeiam por cá a todas as horas do dia, com plena approvação dos edis. E para variar de timbre, um *cantaor* em cada beco, com o classico violão...

E' emfim uma verdadeira indigestão musical, que o estomago mais robusto difficilmente supporta.

Na sociedade, é preciso a lanterna de Diogenes para encontrar um pedaço de boa musica. Até na côrte, segundo li, um artista do Real impingiu em um concerto ultimamente dado uma velharia de Palloni, d'essas que tu já ha muito transferiste para o refugio dos teus depositos de musica.

Mas vamos tratar da Sociedade Philharmonica, que o exordio já vae longo.

Esta sociedade é nem mais nem menos que o espelho da Sociedade de Quartetos de Milão.

Constituiu-se em 1901; tem portanto quasi 7 annos de vida. O seu intuito principal é contractar artistas celebres e dar seis a dez concertos cada anno; o seu capital é deri-

vado das quotas mensaes e das entradas nos concertos.

Não se admittem mais de mil socios, devendo cada um pagar uma joia, que julgo ser de 50 pesetas e uma mensalidade de 5.

Até janeiro d'este anno, tem havido 1910 socios, mas os effectivos não podem exceder o numero de mil, como já disse.

Quando um dos socios desiste ou morre, entra o aspirante mais antigo.

Actualmente os aspirantes são 643 (!), sendo o mais antigo de janeiro de 1905 e os 24 mais modernos de dezembro do anno passado. Os bilhetes são pessoas e não dão direitos á familia dos associados.

A sociedade tem apenas uma séde administrativa e dá os concertos no elegantissimo *Teatro Español*.

Não se marcam antecipadamente logares; cada um se accomoda onde quer e póde, nos camarotes, nos *fauteuils*, nas cadeiras, mas é claro que, por *cortezia*, se deixam sempre os camarotes para as damas.

Não ha luxo, cada um vae vestido como quer; como os concertos são geralmente ás 5 da tarde, tambem os homens de commercio e de negocios lá vão depois dos seus trabalhos, mas vestidos como estiveram durante o dia. E bengalas e chapéus de chuva, tudo lá entra sem restricções. *Vive la liberté!*

Resumindo: á parte as quotas de entrada, a sociedade mette cada anno em cofre a bonita somma de 60.000 pesetas. Imaginando que dispenda em cada concerto 3000 pesetas e dê 10 concertos na epoca, ainda lhe ficam umas 30.000 pesetas para capitalisar em cada anno. Já não é feio!

A novidade mais recente que tenho a dar-te, é a dos dois concertos da Ida Ekman, um na segunda feira e outro hontem.

Isso representa a bagatella de 41, *quarenta e uma*, peças de canto, ouvidas apenas em duas doses. Confesso-te que é demasiado para as minhas forças, tanto mais que, apesar da boa escola de canto, a voz da senhora Ekman não tem nem a frescura nem o encanto que seria para desejar.

O marido, Karl Ekman, é que é um acompanhador dos mais notaveis e intelligentes.

Basta por hoje. Aperta-te affectuosamente a mão o

teu devotado amigo

CESAR MIRÉS.





No salão Lambertini e com uma assistencia de cerca de 200 pessoas effectuou-se em 17 d'este mez a primeira das tres audições d'alumnos que o illustre professor Timotheo da Silveira se propõe realizar na presente época.

A posição que Timotheo da Silveira disfructa hoje no nosso professorado, o zeloso empenho que põe na leccionação, a sua extrema dedicação pelos discipulos e pelo ensino e os requintes da sua infinita modestia são por demasia conhecidos no nosso meio artistico para que tenhamos de aqui insistir nas suas qualidades d'artista e de mestre. Os disvellos e cuidados que lhe merecem as audições dos proprios alumnos, a meticulosidade com que são organisados os programas e o longo preparo a que submete os seus educandos antes de os expôr á sancção do publico, são outros tantos motivos para que essas audições suscitem sempre um grande interesse e tenham uma larga copia d'ouvintes.

O programma da audição de 17, em que pela primeira vez se apresentava uma das studiosas discipulas de Thimotheo, a sr.^a D. Maria Reis, obedecia a uma elevada orientação artistica, talvez até demasiado elevada se pensarmos nas transcendencias contidas dentro de tres sonatas de Beethoven e nas graves responsabilidades que podem impender a um tocadôr novato no vencer de tão complexas difficuldades de estylo, de expressão e de technica.

Muitas porém foram denodadamente vencidas pela sympathica debutante, cujas qualidades de rythmo, de firmeza, de sobriedade e de memoria são já notaveis e nos fazem augurar-lhe um bello futuro de concertista. Temos a certeza que, persistindo no estudo, pode a joven tocadora conquistar as que porventura lhe falem e ganhar sobretudo um pouco mais de larguesa e malleabilidade nos cantos expressivos e um pouco mais de calor nos dramaticos.

Aparte esses pequenos senões, que ahi deixamos francamente apontados, não crêmos que se possa fazer uma mais auspiciosa estreia.

A segunda sessão organisada pelo notavel leccionista terá logar em 10 de março no mesmo salão e servirá para apresentação de uma outra das suas laureadas discipulas, a sr.^a D. Manoela Santiago.

O programma é o seguinte :

I

PRÉAMBULE	Bach
FANTASIA (em dó menor)	Mozart
FANTASIA (em dó maior)	Haydn

II

SONATA (op. 13)	Beethoven
---------------------------	-----------

III

ANDANTE E PRESTO	Mendelssohn
NOCTURNO (em mi bemol)	Chopin
ROMANCE (em ré menor)	Schumann

*

Na sala D. João IV, do palacio da Ajuda, effectuou-se na noite de 23 um luzido concerto de homenagem á princeza Mathilde de Saxe e ao principe de Hohenzollern.

O concerto foi exclusivamente vocal, cantando os artistas de S. Carlos, Cecilia Gagliardi, Armida Parsi, Francisco Bonini e Francisco Vignas, alguns trechos, principalmente de operas.

Ao piano de acompanhamento esteve o illustre maestro Mancinelli.

*

O 2.^o concerto da *Real Academia de Amadores*, n'esta epoca, teve logar no sabbado, 23 do corrente.

Uma das partes mais interessantes do programma era a apresentação de dois talentosíssimos rapazes, João e Sebastião De Vecchi Neves, que a Academia conta actualmente entre os seus melhores alumnos de piano.

D'aquí lhes enviamos um sincero cumprimento. Os preludios e fugas de Bach foram tocadas por qualquer d'elles com uma extrema nitidez e notavel *carrure*, não estando evidentemente tão á vontade no Chopin e no Rubinstein, que carecem de mais paixão e sobretudo d'uma *aisance* que se não pode exigir em quem faz as primeiras armas na ardua carreira da arte. De resto, a individualidade musical dos irmãos Neves não se nos affigura nitidamente assente por ora; parece-nos ver em João Neves mais quadratura rythmica, em Sebastião um pouco mais de larguesa no phrascar, mas em ambos optimas qualidades de technica, que mais tarde se

conjugarão com as de estylo, que por ora escasseiam.

E' caso para os felicitar cordealmente, bem como ao seu illustre professôr Hernani Braga.

A orchestra pareceu-nos ter feito serios progressos, sob a batuta segura de Jorge Wendling; salvo na *Symphonia* de Mozart, cujas transcendencias de toda a natureza não poderam ser devidamente assimiladas, tivemos uma optima impressão da *ouverture* da *Leonore*, do entre acto da *Mignon* e sobretudo das peças de Grieg e Brahms (nomeadamente da *Mort d'Ase* de Grieg, que bem merecia um *bis*).

Vê-se portanto que o novo *maestro* vae colhendo fructos da applicação do seu esforço e de sua competencia; oxalá que a orchestra lhe continue secundando unanimemente as diligencias.

*

No dia seguinte deu a *Sociedade de Concertos e Escola de Musica* a sua generosa festa em favor da *Caixa de Socorro a Musicos Pobres*. E linda festa, sob todos os pontos de vista.

Constava a primeira parte de alguns solos, em que successivamente brilharam as sr.^{as} D. Rachel de Sousa (piano), D. Herminia Alagarim (canto), Deborah de Sousa (violino) e D. Hilda King (harpa).

A todos endereçamos os nossos melhores emboras pelo seu trabalho d'arte e, em nome dos pobres, os nossos melhores agradecimentos pela generosidade com que quizeram servir esta santa causa.

A segunda parte reservava-nos uma bem grata surpresa. Uma orchestra d'umas 36 figuras, admiravelmente disciplinada sob a direcção do eminente violinista Pedro Blanch, e tocando com rigoroso escrupulo artistico, completa homogeneidade e fiel observancia do valôr das sonoridades. Eis o que não é vulgar!

Por isso, durante toda essa segunda parte estivemos positivamente *sous le charme*, tanto mais que, excepção feita do *Pizzicato* de Brenner, cuja factura banal nos não conseguiu interessar, todo o resto da programma era encantador e escolhido com fino criterio d'arte.

Um bravo pois a Pedro Blanch e á sua optima *troupe* e, para fechar, os nossos sinceros cumprimentos a Anselmo de Sousa, o sympathico director-fundador da *Sociedade de Concertos*, que tanto e tão bem se empenhou para o bom exito d'esta festa e a cuja iniciativa deverão os musicos pobres mais esta bemdita esmola.



PORTUGAL

No relatorio do *Monte Pio Philarmónico*, referente ao anno de 1906 e que acabamos de receber, se declara que existiam em 31 de dezembro d'esse anno 131 socios contribuintes e 8 honorarios.

O relatorio é acompanhado de documentos elucidativos, em que se vê que, alem do fundo da antiga *Filial*, na importancia de réis 3.643\$500, pode o *Monte Pio* contar com um fundo proprio de réis 13.678\$705, para applicar aos casos de doença e de inhabilidade dos seus associados, para despezas geraes e para reserva.

Os subsidios pagos pelo *Monte Pio Philarmónico* attingiram em 1906 a verba de réis 498\$745, as pensões réis 568\$000 e as despezas com funeraes réis 60\$000.

A simples inspecção d'essas verbas é a mais eloquente demonstração dos serviços que a benemerita associação vem prestando á classe dos profissionaes da musica.

*

O proximo numero da *Arte Musical* será publicado logo a seguir á estreia do *Amôr de Perdição* no theatro de S. Carlos e é especialmente consagrado á nova opera portugueza.

Esse numero especial, que é a modesta homenagem da nossa revista ao talentoso compositor, sr. João Arroyo, será illustrado com um artigo do nosso illustre collaborador, sr. dr. Esteves Lisboa, e conterà diversas gravuras.

A publicação extraordinaria d'esse numero não impedirá que no dia 15 saia o numero habitual.

O *Amôr de Perdição* cantar-se ha, segundo suppomos, nos primeiros dias de março, tendo como principaes interpretes os sopranos Gagliardi, Torrèta e Leonardi, o barytono Bonini e os tenores Russitano e Fazinni.

*

Já podemos dar como certa a vinda do grande violoncellista Marix Loevenssohn a a Lisboa em 21 do proximo mez de março.

Dizem-nos maravilhas dos dois programas que o illustre artista nos fará ouvir,

constando-nos que algumas das peças serão acompanhadas por um *double quatuor*, composto de alguns dos nossos mais abalisados musicos.

São duas festas, a que não faltará decerto a *élite* dos amadores de Lisboa.

*

Pede-nos o sr. Carlos de Mello para declarar que desde janeiro passado deixou de fazer parte da redacção artistica do *Jornal do Commercio*, passando a redigir no *Liberal* a secção de critica musical dos concertos.

*

O nosso tenor Julio Camara tem tido um optimo acolhimento em Osoppo e Tolmezzo (Italia), cantando a *Lucia*, *Barbeiro*, *Traviata* e *Favorita*.

Está escripturado pela empresa Castagnoli.

*

O proximo concerto da *Sociedade de Musica de Camara*, tem logar no dia 17 de março no salão de D. Maria e não no dia 3 como foi participado aos socios. O programma comporta o primeiro *Quarteto* de Beethoven para arcos, uma *Sonata* de Grieg e o *Quarteto* de Saint-Saëns com piano.

Esse é o concerto que por justificados motivos se não pode realizar em fevereiro.

Para o de março já está marcãda a data de 26.

*

Da illustre amadora, sr.^a D. Rita da Silveira, recebemos uma generosa dadiã para a *Caixa de Socorro a Musicos Pobres*, em suffragio pelo 1.^o anniversario do fallecimento de seu extremoso filho, Herminio da Silveira e em homenagem á sua memoria.

Herminio da Silveira possuia uma lidima alma d'artista e apesar da sua tenra idade tinha um verdadeiro culto por todas as manifestações da arte.

*

O *Orpheon Portuense* vae recommear a serie dos seus concertos, devendo realisar-se o primeiro no proximo sabbado, 9 de março, para apresentação do pianista Alfredo Cortot.

*

A nossa grande violloncellista Guilhermina Suggia está actualmente em Roma, onde tem colhido, como em toda a parte, os mais justificados louros.

Sua irmã a distinta pianista Virginia Suggia deve juntar-se-lhe em Milão, afim de realisarem juntas dois grandes concertos em 1 e 3 de março.

Quando teremos o prazer de ouvir novamente entre nós as duas geniaes irmãs?

ESTRANGEIRO

O velho theatro da Córte, em Weimar, soffreu agora os estragos de um incendio, que bastante o damnificou. Foi definitivamente fechado em 16 de fevereiro, para se demolir o antigo edificio e construir uma vasta sala, que obedeça a todas as exigencias modernas.

A origem do theatro de Weimar ascende ao seculo xvi e liga-se com os jogos scenicos dos estudantes de Iena e de Weimar; mas só em 1750 é que começou a ter companhias regulares.

O periodo brilhante d'esta scena iniciou-se em 1775 com a chegada de Goethe, cujo Werther lhe deu uma repentina celebridade em toda a Allemanha.

Até 1791 só pisavam o tablado do theatro da Córte os mais reputados artistas e os amadores da mais selecta aristocracia.

Mais tarde foi Liszt que fez do velho theatro ducal um centro artistico da mais alta importancia, a que o seu nome ficou perennemente ligado.

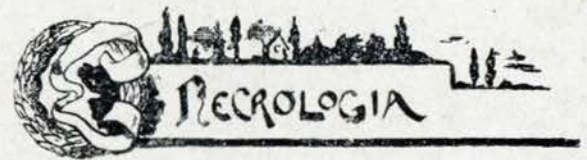
*

La Camicia rossa é o titulo de uma opera que Leoncavallo tem entre mãos e que deve ficar concluida no decurso d'este anno.

O poema é de Arturo Collauti.

*

Ariane et Barbe Bleue é o titulo de uma nova peça de Dukas que deve ir muito brevemente á scena na *Opera-Comique* de Paris.



Em 15 d'este mez morreu no Porto o sr. João Arnaldo Nogueira Molarinho, que além de ser um dos mais illustres gravadores portuguezes, era grande amador de musica, que cultivara em tempos como cantor dilettante.

Era cunhado do notavel violinista Moreira de Sá, a quem enviamos a expressão sentida do nosso pezame.

FORNECEDOR DAS CORTES DE SS. MM. o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia. — Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia. — Imperador da Russia. — Imperatriz Frederico. — Rei d'Inglaterra. — Rei de Hespanha. — Rei da Romania. — SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega—Duque de Saxe Coburgo-Gotha. — Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
 BERLIN N. — 5 e 7, JOANNISTRASSE.
 PARIS. — 334, RUE ST. HONORÉ.
 LONDON W. — 10, WIGMORE STREET.

LOUIS RHEAD

Lambertini

REPRESENTANTE

E

Unico depositario dos celebres pianos

DE

BECHSTEIN

43 — P. dos Restauradores — 49

TRIDIGESTINA LOPES

Preparada por F. LOPES (Pharmaceutico)

Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.

PHARMACIA CENTRAL

de F. Lopes

108, R. DE S. PAULO, 110 — LISBOA

OSCAR BRANDSTETTER
 LEIPZIG
 Grandes officinas
 de IMPRESSÃO DE MUSICA
 em todos os generos
 Typographia, Lithographia
 Autographia
 Composição mechanica
 Machinas rotativas
 Installações especiaes
 para grandes
 tiragens

Augusto d'Aquino

Rua dos Correios, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

Carl Lassen, Asiahaus

Hamburgo, 8

AGENTES EM ..

- Anvers — Joseph Spiero — 51, rue Waghemakere
- Havre — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 67, Grand Quai
- Paris — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 12, 14, rue d'Enghien
- Londres — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — Leadenhall Buildings, E.C.
- Liverpool — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — The Temple-Dale Street.
- New-York — Joseph Spiero — 11. Broadway.

EMBARQUES PARA AS COLONIAS, BRAZIL, ESTRANGEIRO, ETC.

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS—STUTTGART

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzeado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fôrma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições: —Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12.</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO.</i>
Candida Cilia , professora de musica, piano e harmonium, <i>L. de S.ª Barbara, 51, 5.º D.</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>R. da Penha de França, 23, 4.º</i>
Carolina Palhares , professora de canto, <i>C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º, E.</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, A.</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>R. Luiz de Camões, 71.</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>Rua do Conde de Redondo, 1, 2.º, D.</i>
Guilhermina Callado , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.</i>
Irene Zuzarte , professora de piano, <i>Rua José Estevam, 17 r/c.</i>
Isolina Roque , professora de piano, <i>Travessa de S. José, 27, 1.º, E.</i>
Joaquim A. Martins Junior , professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.º</i>
Joaquim F. Ferreira da Silva , prof. de violino, <i>Rua da Gloria, 51, 1.º, D.</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>T. do Moinho de Vento, 17, 2.º</i>
Julieta Hirsch , professora de canto, <i>R. Maria, 8, 2.º, D. (Bairro Andrade)</i>
Léon Jamet , professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucila Moreira , professora de musica e piano, <i>T. do Salitre, 19, 1.º</i>
M.ª Sanguinetti , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 91, 4.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>C. da Estrella, 20, 3.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Octavia Hansch , professora de piano, <i>Avenida de D. Amelia, M. L. r/c.</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º, D.</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.</i>

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias.....	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

Preço avulso 100 rs.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49 — LISBOA